

POVO ALGARVIO

SEMÁRIO REGIONALISTA

(AVENÇA)

Não se devolvem originaes quer sejam ou não publicados

Redacção e Administração

Rua Dr. Parreira, 13 — TAVIRA — Telef. 127

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETARIO

MANUEL VIRGÍNIO PIRES

ASSINATURAS

Série de 10 números — No concelho de Tavira . 8\$00
, » 10 » — Para outras localidades . 9\$90

Composição e Impressão

Tipografia «POVO ALGARVIO» — Telef. 266 — Tavira

Grupo Cultural de Tavira

A conferência do sr Dr. Jorge Correia intitulada:

Algumas noções para a Cultura Geral sobre «Azulejos» ilustradas com projecções e alguns espécimes

DUPLAMENTE é caso para dar os parabéns ao Dr. Jorge Correia pelo trabalho que levou ao Grupo Cultural de Tavira, no passado dia 16. Em primeiro lugar, porque a maneira sábiamente acertada e segura como descreveu a evolução do azulejo no nosso país foi primorosa, tendo chamado a atenção do numeroso público não só para os menores detalhes que caracterizam as diferentes épocas em que tal arte tomou características bem definidas, mas também para as formas de transição. Tudo foi devidamente ilustrado com projecções e exemplares que conseguiu reunir e que nunca pensámos seria possível obter em tão elevado número, tão elucidativos e tão belos.

E aqui impõe-se, desde já, um parêntese: — É consolador verificar a soma de boas vontades que logo se congregaram, cedendo de bom-grado exemplares raros que em geral os coleccionadores ciosamente costumam guardar para seu exclusivo de leite.

Prova mais que evidente da colaboração, não só desinteressada mas também gostosa, com que este Grupo pode contar nas suas actuações futuras. É verdade que alguns espécimes teve de ir propositadamente buscá-los a Beja, mas trouxe-os!

Em segundo lugar, ainda é de felicitá-lo pelo facto de se ter lembrado de fazer uma conferência sobre assunto, que para muitos seria considerado uma temeridade. Pois falar de azulejos, ramo da Arte tão mal estudado no nosso país e de literatura tão escassa; um médico a falar de pedacinhos de cerâmica mais ou menos garatujados, mais ou escaqueirados, aos quais quase ninguém liga a menor importância e que é de uso vê-los a reluzir o olhinho maroto em caixotes de lixo ou montes de

Continua na 3.ª página

Por esse País fora...

O Orçamento Geral do Estado para 1961 prevê grande acréscimo de despesas o que demonstra por um lado obrigações indispensáveis no actual momento internacional e por outro responsabilidades cada vez maiores do Estado em relação à Nação. Mas para este substancial aumento de encargos foi possível encontrar cobertura nos recursos normais, mercê da eficiência dos princípios e da fidelidade na sua execução, que, «sem perder de vista a indispensável ascensão da grei têm agora mais altos objectivos de defesa e consolidação da própria unidade nacional».

Na tradicional mensagem de Ano Bom, dirigida a todos os portugueses, o Chefe do Estado afirmou que se nos conservarmos unidos com firmeza, manteremos do

Continua na 4.ª página

Grupo Cultural de Tavira

A conferência do Dr. Jorge Correia

A conferência que o sr. Dr. Jorge Correia realizou na passada segunda-feira, na Biblioteca Municipal, atraiu grande número de pessoas, tendo o seu interessante trabalho sido alvo de fortes aplausos.

Noutro local, como de costume, o nosso crítico de arte faz referência especial.

Não queremos, porém, encerrar esta pequena local sem felicitar-mos aquele nosso prezado amigo pela sua interessante lição.

Dádiva de 25 contos para a Misericórdia de Tavira

Por uma generosa taviense, residente em Montemor-o-Novo, sr.ª D. Maria Albertina Palmeira Borges, foi oferecida à Misericórdia da nossa cidade a importante dádiva de 25.000\$00, em memória de seu saudoso Pai, cuja entrega se fez no dia 15 de Janeiro, data em que passou um século do seu nascimento e 46 anos de falecimento.

Esta dádiva foi entregue pelo sr. José de Oliveira, de Tavira, em representação da ilustre benfeitora, tendo assistido ao acto a Direcção da Misericórdia, o sr. Presidente da Câmara e outras entidades oficiais do Concelho, um grupo de senhoras da nossa melhor sociedade e o pessoal de enfermagem e de secretaria da Hospital.

O sr. Provedor, com palavras de profundo reconhecimento e gratidão, agradeceu em nome de todos os doentes necessitados do nosso concelho, tendo declarado que a aquela importância vai ser aplicada nas instalações da consulta-dispensário na luta contra a tuberculose, a instalar no Hospital, onde será descerrada uma lápide em memória de quem foi feita a oferta, sr. Joaquim de Sousa Palmeira, que foi em vida cidadão taviense muito estimado e conceituado proprietário e industrial.

TROVA

Cego por ti, só desejo
Que por mim cegues também;
Quando formos ambos cegos,
Ver-nos-emos muito bem.

Isidoro Pires

Uma página de crítica

Como eu vi «O Sapo e a Doninha»

«aguarela suavíssima» de Ramada Curto, a quem dedico estes apontamentos

O «Sapo e a Doninha», é uma aguarela suave, lúcida, transparente — bem portuguesa. É um retrato de Joaninha, tósco no emoldurado de pinho, a rescender a resina — a essa selva forte, que anda, lá fora, como um perfume vivo a alfazema, atraindo um luar de saudade, enamorado das sombras do pinhal, da solidão das urzes, das estevas e dos piornos, junto às dunas de areia; um luar de túnica sepulcral, que vagueia pelos campos como um fantasma de milénios

— um Hamlet — irreconciliável com o repouso eterno.

A casa portuguesa da cena, na semelhança do rústico alentejano, onde os «arames» fulguem em argêntas notas de asseio irrepreensível, deixa ver o luar, lá fora, iluminando todo o litoral frangido de brocados e cetins, como um «à jour» imenso. Abre-se, de par em par, na portada e nos corações, mas o Absverus não se decide a entrar. Vive o campo, todo o nocturno da sua razão de ser, à luz estranha de Besnard, e é como um poeta fugido, à imagem de Teixeira de Pascoais, continuando a trabalhar esses admiráveis versos brancos nos silêncios campestres.

Se é dia, o Sol é mais familiar. Mais dado... Escoa-se através das vidraças, pula, num

Continua na 4.ª página

Em 24 de Janeiro de 1668

é alistado, como simples soldado, Santo António de Lisboa no regimento de Infanteria de Lagos, sendo depois em 1683 promovido a capitão, e em 1777 a major. Num atestado passado pelo comandante do referido regimento, para efeito duma das promoções, há esta passagem: «Outro-sim certifico que em todos os papéis e registos acima mencionados não existe alguma nota relativa a Santo António, de mau comportamento ou irregularidade praticada por ele».



Pedro de Freitas

nevolência do autor, se foram estendendo por longo espaço de tempo.

Ao terminar mais este seu interessante trabalho, é justo que a Redacção do «Povo Al-

garvio», embora em descoloridas palavras, preste homenagem ao espírito dinâmico desse lídimo louletano que é Pedro de Freitas.

Os seus «Quadros de Loulé Antigo» são páginas coloridas da sua terra natal, são recordações saudosas da sua própria vida que há muito andavam dispersas pelos recessos da sua alma de artista.

Quizera ele, velho amigo e colaborador, honrar as modestas colunas deste jornal, com a sua prosa popular, embora simples na aparência mas nobre e elevada pelo sentimento.

Sincero nas suas apreciações impõe-se à considerações dos seus leitores.

Autor de diversas obras populares de cultura, Pedro de Freitas pode classificar-se de um autodidacta da arte e do jornalismo.

Louletano de geração sente na alma o fervor pela Mãe Soberana e vibra emocionado pelo bairrismo inquebrantável que é lema da gente da sua terra.

Dotado de uma extraordinária força de vontade, duma inflexibilidade de carácter, Pedro de Freitas apresenta-nos um estudo completo da música popular em Portugal, com o mesmo entusiasmo com que se desloca à França ou à Espanha para nos descrever as paisagens maravilhosas e as belezas artísticas que o seu espírito observador e a sua retina de artista retrataram.

É com a mesma simplicidade com que é agraciado em Cartaya (Espanha) com título de carteiro-honorário, vemo-

Continua na 3.ª página

General Leonel da Costa Lopes

Há dias, foi vítima de um lamentável desastre, no qual fracturou uma perna e um braço, o sr. General Leonel Aleluia da Costa Lopes, Ilustre Comandante da Guarda Fiscal, pelo que se encontra internado no Hospital.

Lamentamos o sucedido e fazemos sinceros votos pelo rápido restabelecimento daquele nosso Ilustre amigo.



Actualidades Nacionais — Algumas das altas individualidades que apresentaram cumprimentos pela passagem do Ano Novo, ao Chefe do Estado, no Palácio de Belém.

Falta de luz

POR motivo de uma avaria, faltou a energia eléctrica na cidade durante o dia e noite de 18 do corrente e parte do dia 19, o que causou bastante transtorno na vida local.

Sobretudo durante a noite de 18, a cidade apresentava na escuridão, um aspecto desolador e primitivo.

Resultante da falta de energia, durante parte do dia 19, faltou também a água da canalização.

Estamos informados que a avaria não foi dentro da área da cidade e, portanto, não é de atribuir quaisquer responsabilidades aos Serviços Municipais. Por tal motivo, ainda nos parece mais lógico registar a ocorrência.

A uma organização que se propõe servir os interesses públicos não se deveriam admitir falhas desta natureza. Uma avaria ocasional que origine um corte de energia durante umas horas ainda se concebe; mas que dure dois dias e uma noite, é demais!

Oxalá que o facto não volte a repetir-se sobretudo nestas noites longas e chuvosas de Inverno.

Quem assume responsabilidades deve responder pelos prejuizos resultantes da falta do cumprimento das cláusulas estabelecidas

Desejamos não voltar a tocar neste assunto.

Este número foi visado pela Delegação de Censura

Quadros de Loulé antigo

Continuação da 4.ª página

to escreve: «Inferrível defensor do bom nome de Loulé»

Noutros passos e do mesmo: «Você é o diabo em pessoa, quando se põe a trabalhar por Loulé; e mais: «para o seu bom coração, que só quem não o conhece ignora o que vale, para o seu grande e bem louletano entusiasmo...»

Estas referências não são alusivas à música!

E, se não bastar o que rezam os documentos arquivados nos «Quadros» referentes à variante do caminho de ferro e os que dizem respeito à visita do Batalhão, pondere-se nas passagens de duas cartas a seguir:

«Loulé, 10/10/42

Desculpe-me a impertinência mas as circunstâncias a isso me obrigam, dadas as magníficas relações de que dispõe.

«Temos há dez dias a nossa fábrica parada por falta de trigos, trigos que se encontram por várias estações aguardando material. Enorme prejuízo para o estabelecimento público.

Já nos dirigimos aos Serviços Centrais da C. P., mas até à data nada nos foi dito. Estamos numa situação deveras delicada, que, a não modificarmos urgentemente, correremos o risco de faltar o pão em Loulé.

José Ribeiro Ramos».

Recebo a carta no dia onze e logo corro a socorrer o S.O. S. do meu Loulé. Demovo dificuldades, e a carta que se segue coloca-me de bem com o meu sentimento de dedicado louletano.

«Loulé, 14/10/42.

«Em meu poder a vossa carta. Efectivamente no dia 12, á tarde, perguntava-me o Inspector Sr. Quintas, por intermédio do chefe da estação de Loulé, se desejaria pagar um aumento de 20% para a organização de um comboio especial conduzindo 17 vagons. Respondo afirmativamente.

«Pelo facto de ter mandado a Faro um delegado junto do referido Inspector, solicitar-lhe os seus bons officios, julguei que essa diligência teria sido a solução do comboio especial. Vejo porém, pela vossa carta, que o raciocínio que fiz foi errado, e só ao meu bom amigo devo esse alto favor.

«Lamento não me ter lembrado mais cedo do amigo Pedro de Freitas: homem dinâmico, pronto sempre a prestar aos amigos os seus inestimáveis serviços.

José Ribeiro Ramos».

Como esclareço, sem sombra de vaidade, já não tenho idade para isso, mas por necessidade á posição em que me collocava o acinte de só ser pela música que a minha acção mais era desenvolvida por Loulé, aqui ficam arquivados um pouco dos muitos documentos que possuo em provar o que tenho sido pela minha terra. E dizia-me há tempo o professor louletano Joaquim Guerreiro Pereira: «Pedro de Freitas, só há um».

Pois esse um, que termina agora a sua dedicação á terra que lhe foi berço, faz votos para que nas gerações moças

apareçam mais e melhores dedicações na defesa de Loulé, desse Loulé que desinteressadamente, pois nele nunca gánhei o pão da vida, tanto me bati, lutando, em todos os campos, pelo seu progresso, pela sua cultura, pela sua civilização.

* * *

Estes «Quadros são o trabalho bem popular de um dos mais populares louletanos. Podem bem cifrar-se de que a todos os louletanos pode interessar.

Neles há história, descrição, factos notáveis de várias épocas, registos e arquivos que nos autorizam a proclamar que será um trabalho literário que poderá figurar no armário cu no baú do mais comezinho dos louletanos para, nas noites de inverno, ao calor familiar, lê-lo no intuito de avivar bem ao vivo a saudade pelas coisas de um passado que enobrece Loulé.

Se quizerem, poderão estes «Quadros» servir de interessante como curiosa cartilha popular, onde essa popularidade leia o que foram usos, costumes e as liberdades de uma vida da nossa terra nesta primeira metade deste século vinte, e mesmo certos factos de melhor realce de antanho.

Mais obedeceu este trabalho a um fim para mim de particular importância.

Não sou rico, não tenho rendimentos se não os que a minha modesta reforma de ferroviário me dá para viver os dias que o Destino me reserva.

Todavia está bem no meu âmago colaborar no auxílio ao hospital. Não posso fazê-lo em material sonante. E, como cada um dá o que pode, eu darei a moeda das minhas possibilidades — este modesto trabalho literário.

Assim, não traduzindo os meus desejos em material sonante ou dádivas materiais que são as que alimentam o nosso hospital, limito-me a dar satisfação a mim próprio com um trabalho que o espírito possa receber e acarinhar. Pois não é a leitura o lenitivo daqueles que amarrados à cama do sofrimento anseiam por distrair o espírito em leituras leves?

Se assim é, não há dúvida que estes meus «Quadros» muito poderão amenizar os louletanos que saboreiem estas narrativas da sua própria terra, nas horas das suas desditas.

Eis para que trabalhei na feitura desta Obra. Pena é que eu a não soubesse pintar melhor.

Assim, como sai da forja, ofereço-a ao Hospital da minha terra, com os direitos de propriedade literária.

O único exemplar para essa oferta vai ser constituído pelos recortes dos artigos do próprio jornal. É porque, infelizmente, mais além não posso ir. A intenção é tudo.

Na data da saída deste número do jornal, 22 de Janeiro de 1961, dou por acabado todo o valimento que dispendi por Loulé.

O Irmão número 607 da

EDITAL Dos Livros...

Alfredo Augusto Baptista Peres, Juiz das Execuções Fiscais Administrativas do Concelho de Tavira:

FAÇO SABER que, no dia um de Fevereiro do corrente ano, pelas 10 horas, na Rua José Pires Padinha, n.º 88, e Travessa das Cunhas, n.º 1, desta cidade, se há-de proceder à arrematação dos bens abaixo mencionados, penhorados a José Clementino de Sousa, comerciante, casado, residente na Rua António Viegas, n.º 2, desta cidade, para pagamento da licença do estabelecimento comercial e industrial do Grupo C, do ano de 1960, na importância de 510\$00, acréscimos de execução fiscal administrativa que corre pela Câmara Municipal do concelho de Tavira:

Designação dos bens: — Um corte de casaco de lã pura para senhora, com 2 metros, de cor beje liso; — um corte de casaco de lã para senhora, com 2,40 metros, de cor beje liso; — um corte de casaco de lã para senhora com 2,60 metros, de cor preta; — um corte de casaco de lã para senhora com 2,60 metros de cor preta; — um corte de vestido de lã, para senhora, com 4,75 metros, de cor vermelha com borbotos pretos; — um corte de vestido de lã para senhora, com 2,50 metros, de cor rosa vivo; — um corte de casaco lã para senhora, com 2,60 metros, de cor vermelha com borbotos; — um corte de casaco de lã para senhora, com 2,60 metros, de cor castanha; — um corte de casaco de lã mista, para senhora, com 2,60 metros, de cor preta com borbotos vermelhos; — um corte de casaco de lã mista, para senhora, com 2,50 metros, de cor azul com borbotos da mesma cor; — um corte de vestido de lã para senhora, com 2,50 metros, de cor branca; — um corte de casaco de lã para senhora, com 1,60 metros, de cor branca; — duas gabardines impermeáveis para senhora, de cor castanho claro; — duas gabardines impermeáveis para senhora, de cor cinzento escuro; — duas gabardines impermeáveis para senhora, de cor azul; — um corte de casimira, para homem, de cor cinzento com riscas verdes, com 5 metros; — um corte de casimira para homem, de cor cinzento com riscas azuis, com 4,50 metros; — um corte de casimira para homem, de cor cinzento, com 2 metros; — um corte de tansela de lã lisa, para homem, de cor cinzenta, com 2,80 metros; — um corte de casimira para homem de cor castanho claro, com 1,70 metros;

São por este meio citados os credores incertos e desconhecidos do executado para deduzirem os seus direitos, querendo, até ao dia da arrematação.

E para constar, se passou o presente edital e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares marcados por Lei

Tavira, 19 de Janeiro de 1961

E eu, Francisco Silva, escrevo das execuções fiscais administrativas, o subscrevi.

O Juiz,

Alfredo Augusto Baptista Peres

Santa Casa da Misericórdia e do Hospital de Nossa Senhora dos Pobres de Loulé.

Pedro de Freitas FIM

Vendem-se

Duas courelas, com árvores variadas, conhecidas por «Serro Redondo» e «Monte da Viola», freguesia de Santa Catarina.

Dirijam-se a J. S. Rainha, Rua José Leonardo, 40-2.º — Olhão.



Pela Provincia

Castro Marim

Transferência — A seu pedido, foi transferido para o Cadaval o sr. Dr. João Lourenço, que durante alguns anos aqui exerceu os cargos de Conservador do Registo Civil e Notário.

Notícias Pessoais — Celebrou o seu aniversário natalício o menino António Manuel Gomes Salóio. — Depois de passarem algum tempo na Praia da Kocha, regressaram a esta vila as sr.ªs D. Belmira André Pessanha e D. Maria Assunção Soares.

Doentes — Encontra-se bastante doente a sr.ª D. Maria Xavier Alberto Moreira, proprietária nesta localidade.

— Também se encontra doente a sr.ª D. Maria Bárbara Correia Severo

Falecimento — Faleceu nesta cidade o menino Joaquim Manuel Palma Segura, de 11 meses. Era filho da sr.ª D. Lídia Bardosa Palma Segura e do nosso prezado amigo sr. Joaquim Bandarra Segura. — C.

dia Internacional» nestas horas em que o mundo conturbado por vis paixões sectaristas esquece que só na fé de Deus encontrará o seu verdadeiro caminho.

Pelo que lemos, embora desconhecendo o seu autor, parece-nos estar na presença de uma alma sã e ideologicamente pura.

Este livro que gentilmente nos enviou em hora grande, lê-se com muito agrado e é uma verdadeira lição sobre ideais supremos que que requerem estudo profundo.

As ideias expostas pelo autor são elevadas e nobres e delas resalta à nossa memória um trecho de Ségur — «Os grandes pensamentos não podem germinar e desenvolver-se senão nas grandes obras; se penetram num espírito tacanho, vivem nele como estranhos, e não tarda que as paixões baixas e vulgares os expulsem e Ernesto Tavares Pimenta, é desses para quem nenhum bom pensamento pode existir sem a fé de Deus.

Assinal o «Povo Algarvio»

ADDOL
O ADITIVO DOS ADITIVOS
NÃO É MILAGRE... É ADDOL

DÊ MAIS VIDA AO SEU MOTOR... DÊ-LHE ADDOL

T.S. O lubrificante de uso total para motores a dois tempos. Recomenda-se ADDOL T.S. aos scooteristas, motociclistas e automobilistas.

U.P.C. O único que lubrifica o último andar de um motor a 4 tempos: topo do cilindro, topo do pistão, segmentos e válvulas. Com ADDOL U.P.C. há uma lubrificação consistente e completa.

I.P.N. O lubrificante mais moderno para os motores Diesel. Combustão melhorada, ruído característico destes motores eliminado e desaparecimento do fumo.

um só gesto e **ADDOL** fará o resto

Distribuidores Gerais:
ARCO PORTUGUESA, Lda., R. Rodrigues Sampaio, 134-LISBOA

Agentes no Sotavento do Algarve:
José dos Santos Stokler — Rua Filipe Alistão, 64
Apartado 70 — F A R O — Telefone 739

Máquina de Tricotar

PASSAP

tão simples que dá prazer tricotar



Sem pesos nem platinas, executa todos os pontos imagináveis, trabalhando com todos os fios. 10 anos mais antiga que todas as marcas, atingiu, em 1958, 52% da exportação total suíça, ao lado de 12 marcas concorrentes. Na PASSAP o trabalho não encolhe.

A prestações mensais desde 112\$00

Agente local:

Francisco José de Mendonça Fernandes
Rua José Pires Padinha, 60 — Telf. 144 — TAVIRA

Grupo Cultural de Tavira

Continuação da 1.ª Página

entulho, como que a suplicar: Salva-me! Tira-me daqui, tira-me daqui, seria lá coisa que interessasse o público em terras de província? Ainda se fosse na capital e perante circunspectos cocobichinhos de *ninharias sem utilidade nenhuma* vá lá, vá lá...

Mas a verdade é que interessou e muito. A sala estava a deitar por fora e não demos por que algum ouvinte tivesse arredado pé durante as duas horas e picos da sua palestra. No fim recebeu uma consoladora salva de palmas a premiar mercidamente tantas canseiras. Bem haja, pois!

Bom seria que, neste acontecimento, atentassem aqueles que superintendem em palácios e monumentos nacionais...

* * *

Quem vai — e todos os dias por lá passa muita gente — visitar palácios e monumentos nacionais tem verificado desconsoladamente «como é diferente — já não digo «amor em Portugal», — mas o *ciceroneamento* em certos palácios e museus portugueses.

Entra um grupo numa primeira sala e logo, nas suas costas, se fecha a porta à chave. À frente, o cicerone, como *alertado maior*; atrás a *carneiragem* que, pelo acto inicial do cerrar do ferrolho, logo verifica que, se não estiver conforme, difícil se lhe torna retroceder do redil. À lenga-lengua em ares de cantochão vai fazendo ouvir: «Sala de tal». Passa-se uma porta que logo se fecha. «Sala onde a majestade de tal se assentava no trono para receber a embaixada de tal». Outra porta que se transpõe e logo a chave guinchava na fechadura. «Quarto do sr. tal». Aqui não se penetra. Espreita-se da porta, vedada por lustroso cordão de cor quase sempre vermelha, (talvez para sugerir sangue... dalgum crime perpetrado por algum ocupante de épocas recuadas...); «móveis de tal estilo». (Tudo devidamente couraçado, à distância de metros, por cordão de seda, não vá o *rebanho* copiar algum dos labores) e azulejos da época tal» (vistos a tão grande distância que só por um óculo!...)

Tudo decorre a passo de marcha acelerada, como que debaixo de forma, pois se alguém fica para trás, no desejo de melhor observar certo detalhe, logo terá que desistir do *vil* intento porque o *maioral* tem de parar (não vá tresmalhar-se a rês e fazer alguma diabrura) e o *rebanho* está a ser desfalcado no tempo do seu repasto.

Rapidamente se faz o périplo e o visitante encontra-se, quase sem dar por isso, livre da atmosfera bafienta das velharias aferrolhadas, apressando-se a encher os pulmões do ar fresco dos jardins circundantes para se refazer da atmosfera pesada que lá respirou.

O que ganhou com a visita? Já não foi pouco: coscuvilhou a vida alheia (a dos sucessivos habitantes do edifício) e isso deve consolar-lhe a ávida mesquinhez. Ignorante entrou e ignorante saiu... Bagagem cultural, nenhuma... escusa de carregar com ela a atormentá-lo pela vida fora.

Um alívio!... O ano passado, estando acidentalmente em Lisboa, disse-me a pessoa de família: Queres vir comigo a Sintra? Resposta pronta: Encantada! Vamos já; é só vestir o casaco, tanto mais que só vi o Palácio uma vez e em dia muito escuro. Era justamente o Palácio Nacional que iam dispostos a ver mais uma vez.

A visita passou-se mais ou menos nos moldes acima referidos.

Quizemos entrar na igreja e chamar a atenção da pessoa que nos acompanhava, para as características da tapeçaria persa que o altar-mor tinha ao fundo, e para os belos azulejos alicatados que lá se encontram.

O cicerone olhou-nos como se em nós tivesse visto o Diabo a querer profanar os lugares sagrados e disse-nos: «Não se pode entrar na igreja. Veja-a daqui». Era o lado oposto à capela-mor, uma espécie de coro — varandim donde as majestades podiam muito bem assistirem à missa mas, donde só munido de um binóculo, e dos de grande alcance, se poderia ver alguma coisa do que pretendiamos.

Ficámos furioso e logo ali protestámos. Perguntámos o nome do respectivo conservador para lhe manifestarmos, por escrito, o nosso desagrado. Infelizmente perdemos o apontamento. Talvez estes dizeres cheguem ao seu conhecimento, à laia de carta aberta...

Calculamos que, se algum dia tivermos vagar para visitar demoradamente este (aliás já muito nosso conhecido) ou outro qualquer palácio aberto ao público, sem ser acorrentado a grupo heterogéneo de gente desconhecida e apressada, certamente nos seria concedida uma autorização especial para a demora, depois de, não imaginamos que canseiras e passos perdidos por repartições variadíssimas, declinações de identidade em todos os modos e tempos e quem sabe se até depois de alguma esperta cauçãozinha para prevenir possível gatunice...

Mas note-se bem: autorização especial, só a raros aproveitais...

Não é com autorizações especiais que se cultiva o público. É assim que se vê tanto descolabro por aí fora!

* * *

Um dia, no Escorial, contratámos um cicerone. Taxa fixa. O estrangeiro não é explorado nem o cicerone olha por gorjetas.

É um dia inteiro que o indivíduo está por nossa conta, tendo apenas o descanso do almoço que lhe oferecemos porque quizemos, nanja que o repasto fizesse parte do... frete. Chamamos-lhe assim porque — mea culpa — não somos dos menos maçadores... lá isso, não!...

E se mais não o maçamos foi porque a cada pergunta, a cada retrocesso, a cada paragem interminável de pasmação bem justificada, só recebemos em troca solícitas explicações, sorrisos e amabilidades que nos confundiam a cada passo.

Mesmo a oferta do almoço foi feita com a sua pontinha de manha. Queríamos não perder esse tempo para continuar a conversa sobre assunto que muito nos interessava e o homem era muito culto e de falas agradáveis. Nada de conversa de realejo, nem ela era possível com as experiências que fizemos, arrastando-a para assuntos os mais variados.

Que rol de coisas lá aprendemos! Um só dia equivaleu a um ano de buscas e leituras e à economia de muitas centenas de escudos.

E não foi necessária qualquer autorização especial!... À única burocracia foi: Toma lá; dá cá... e agora atura-me!...

«Ai como é diferente!» «Ai como é diferente!» — diria o Cardeal Gonzaga!...

M. J.

Carrinho de Bébé

Vende-se, em bom estado. Tratar na Rua Almirante Cândido dos Reis, n.º 119 — Tavira.

Notícias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Hoje — D. Maria Luísa Viegas Ventura, D. Isabel das Chagas Oliveira, D. Maria dos Mártires Flor da Rosa Gaspar, menina Isabel Maria Lopes Figueiredo Marques, menino António Vicente da Cruz Fernandes Sotero e os srs. Mário Vicente Correia dos Santos, António Vicente Madeira da Cruz e Custódio de Jesus.

Em 23 — D. Maria Beblana Ferreira Leiria Azinheira, menina Maria da Graça Lopes Rodrigues, menino Osvaldo Cordeiro Fernandes José, e os srs. João Corvo Domingues e Orlando José Lata.

Em 24 — D. Maria Fernanda Peres Jara, D. Celeste Martins Viegas Cesário, meninas Maria João Soares Lobato Centeno, Maria Ondina Lopes Rodrigues, Maria de Fátima Almeida Conceição, Maria Eugénia Miguel Picoito e os srs. Dr. António José Costa Pires, Augusto Pereira Neto, Francisco Fonseca Franco e Custódio Gaspar.

Em 25 — Menina Maria Helena Mendonça do Carmo e o sr. Manuel da Silva Lopes.

Em 26 — D. Cidalina Maria Duarte de Matos, D. Fausta Padinha Diniz Ferro e o sr. Arnaldo Pollicarpo da Cruz.

Em 27 — D. Maria de Lourdes Aboim Ascensão Contreiras Lopes D. Isaura Domingues, D. Maria Silva Leiria, D. Suzete Crisóstomo dos Santos, D. Maria Fernanda do Nascimento e os srs. José Crisóstomo Leiria, João Valério Crisóstomo Bandeira Carvalho e José Dácio Correia Matos.

Em 28 — D. Maria Aldegundes Mendes e os srs. Manuel Joaquim Vaz e João Pedro Maldonado Júnior.

Partidas e Chegadas

Por motivo de promoção, foi colocado como Comandante do Posto da G.N.R., em Vale de Vargo, o nosso assinante sr. José Gregório de Freitas Trindade.

Com sua esposa seguiu para capital, onde permanecerá algum tempo, o sr. Brigadeiro Eduardo José dos Santos, nosso prezado amigo e ilustre conterrâneo.

Vimos nesta cidade o nosso conterrâneo sr. Dr. Alfredo Marques Teixeira de Azevedo, Conservador do Registo Civil na capital.

De visita a sua tia esteve nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Augusto Teodoro Bandeira, proprietário, residente na capital.

Com sua família esteve nesta cidade o sr. Manuel José da Fonseca, funcionário público e proprietário, residente no Porto.

Foi à capital acompanhada de seu esposo a distinta cabeleireira, sr.ª D. Maria G. Assunção a fim de adquirir modernos cortes e novos modelos de penteados.

De visita ao Algarve estiveram nesta cidade, durante alguns dias, a sr.ª D. Maria do Carmo Martins da Costa e seu esposo, sr. Armando Martins da Costa, industrial, residente no Porto.

Regressaram de Inglaterra, onde permaneceram largo tempo, à sua residência no Porto, a nossa conterrânea sr.ª D. Josília Raimundo Martins da Costa e seu esposo, sr. Rui Martins da Costa, agente técnico.

Regressou a esta cidade, na companhia de sua filha, sr.ª D. Josília Raimundo Martins da Costa e genro, sr. Rui Armando Martins da Costa, e sr.ª D. Alda Bernardino Raimundo.

De visita a seus tios, encontra-se nesta cidade, a sr.ª D. Maria Firmina Viegas Raimundo e seu esposo sr. Luís Carlos de Freitas Raimundo, acompanhado de sua filha, Ana Paulo Viegas Raimundo.

Doente

Tem sentido algumas melhoras o nosso prezado amigo e colaborador, sr. Dr. José Ribeiro Alves Júnior, que há pouco foi vítima de um desastre na Figueira da Foz.

Fazemos votos pelo seu rápido restabelecimento.

Necrologia

António Fernandes

No passado dia 13 do corrente faleceu no sítio das Solteiras, na Conceição de Tavira, em casa de seu filho, o sr. António Fernandes, viúvo, proprietário, de 79 anos de idade. O falecido, que gozava de muita simpatia era pai do sr. Sebastião da Silva Fernandes, proprietário, e da sr.ª D. Maria Silvéria, sogro do sr. Francisco António Pereira, nosso assinante, e da sr.ª D. Maria das Candeias e avó dos srs. Jaime da Silva Pereira e José António Pereira e da sr.ª D. Dorila da Silva Fernandes.

O seu funeral, que se realizou no dia seguinte, foi muito concorrida.

Eduardo Júlio Mateus

No dia 18 do corrente faleceu nesta cidade o sr. Eduardo Júlio Mateus, de 54 anos, calafate, natural de Tavira. O falecido deixa viúva a sr.ª D. Maria Pires Bel-

Véspera de Natal

Pelo frio que se avizinha.
Novo Natal vai chegar;
Mais minha alma pobrezinha,
P'la pobreza, vai chorar!

Pois embora eu nada tenha,
P'lo Natal, se Deus quizer,
Terei pão para quem venha
À minha porta bater!

Já assim não acontece
A quem empunha o bordão,
Porque nem sempre os aquece
As esmolas que lhes dão!

Porque se o frio me repassa,
Me regela o coração,
Bem mais regela a desgraça
Que mendiga o duro pão!

E é por ela, a irmã-pobreza,
Que eu imploro aos altos céus
Que ponha pão sobre a mesa
De quantos filhos tem Deus!

Dezembro/960

J. Santos Stoklar

Agradecimento

A família de António Fernandes, não podendo fazê-lo pessoalmente vem, por este meio, agradecer muito profundamente a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-lo à sua última morada e bem assim a todos os que lhe manifestaram o seu profundo pesar.

DISCOS

De 45 rotações, em microgravação, com 4 números de música, cujo preço era de 60\$00, vendem-se por 40\$00, na agência da «Grundig», Rua Dr. Parreira — Tavira.

chior e era pai do sr. Manuel Pires Mateus, comerciante, e sogro da sr.ª D. Maria Graciete Pires Soares Mateus. O seu funeral, que se realizou na tarde de 19, foi muito concorrido.

Eng. João Rosado Nunes

Faleceu há dias em Portimão o sr. Eng. Silvicultor João Rosado Nunes, administrador florestal, que durante alguns anos exerceu funções em Tavira.

A sua morte causou profundo pesar nesta cidade onde contava com alguns amigos.

As famílias enlutadas endereçamos sentidos pêsames.

Pedro de Freitas

e os seus «Quadros de Loulé antigo»

Continuação da 1.ª página

-lo secretariar o Concurso de Banda Cívica, há pouco promovido pela F.N.A.T., e recentemente, no mês de Dezembro findo, recebe do Governador Geral de Goa o amável convite para visitar aquele Estado, pondo à sua disposição uma passagem de ida e volta num dos aviões do T.A.I.P.

Isto é prova evidente do que atrás dissemos sobre o seu génio activo e as suas extraordinárias qualidades de artista.

Num gesto digno de registo, com a sua comprovada modestia, oferece ao Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Loulé os quadros que acaba de publicar.

Agradecemos a Pedro de Freitas as palavras com que nos mimoseia no seu último «Quadro» e esperamos que continue a dar-nos, como até aqui, a sua valiosa colaboração.

Se todos os algarvios lutassem assim pela sua província e sentissem o mesmo calor ardente que Pedro de Freitas sente pela sua terra natal, então muitos problemas não se arrastariam como por vezes tem acontecido. À sua acção extraordinária se devem muitas iniciativas felizes levadas a efeito em prol da sua terra.

Pedimos a Pedro de Freitas que nos perdoe o arrazoado e esperamos continuar a registá-lo no número dos nossos amigos.

Últimas novidades em disco

na Agência de Representações Algarve
Rua 5 de Outubro, 10-12 — TAVIRA

PRECISA-SE

Meeiro ou rendeiro, para semear grande sementeira de milho na Estanqueira — Asseca.

Quem pretender dirija-se ao dono na dita propriedade.

Mosaicos Leão



Indústria Tavirense

Fabricação garantida com excelente matéria prima. Executam-se em todas as cores e modelos. Os mosaicos preferidos pelos construtores pela sua qualidade e duração.

Fabricação de mosaicos de marmorite, pedras para balcão, lavatórios, tubos em cimento, etc. — PREÇOS SEM COMPETENCIA

Dirigir pedidos directamente à

Fábrica de Mosaicos Leão

Rua da Porta Nova, 7 — Telefone 110 — TAVIRA

Preferir os MOSAICOS LEÃO é contribuir para o progresso de TAVIRA

J. A. PACHECO

TAVIRA

Fábricas de moagem de farinha espoada e ramas

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

É Já tempo de dar por terminadas estas minhas pinceladas a avivar Quadros antigos da minha terra natal. Estou mesmo de que desde o Director do «Povo Algarvio» aos leitores destes descoloridos apontamentos louletanos, dada a sua extensão, desejando devem estar que eu termine.

por Pedro de Freitas

E vou terminar mesmo. Vou dar-lhes a devida e justa satisfação, Abriu este semanário taviense em seu número 1.274 de 7 de Dezembro de 1958 as suas colunas a esta volumosa obra de interesse limitado a Loulé. Muitos foram os louletanos que estranharam o facto de não fazer esta publicação na imprensa da terra.

A primeira vista justificava-se essa natural observação: eu devia de facto utilizar, para maior conhecimento da família louletana, o jornal local. Mas tudo tem a sua razão de ser. E reside ela no caso de ser o «Povo Algarvio» o jornal que há uns bons treze anos (27 de Julho de 1947), pôs à minha disposição as leais colunas; nelas tenho explanado variadíssimos e delicados assuntos, e, em consciência, entender que num trabalho aligeirado, curioso, popular, e mesmo de ambiente algarvio, ele não devia desertar da unidade onde o seu autor mais radicara a sua presença, tanto mais que, ao tempo em que assentara praça em Tavira, Loulé não possuía qualquer órgão da imprensa.

Nas «pinceladas» destes Quadros muitas têm sido as daninhas gralhas a debicarem, aqui além, nos seus «traços», desvirtuando, assim, o sentido de algumas palavras e mesmo o de alguns temas versados. Mas os carinhosos leitores decerto de tal se aperceberam e por isso, essas triviais impertinências vulgaríssimas na imprensa, mormente provinciana, foram por si próprios rectificadas, o que é de agradecer.

Não obstante, o contributo deste «Povo Algarvio» para um arquivo tão extenso, não demercede do reconhecimento que lhe fico deverdo.

Rectificando alguns pontos, direi que, o Quadro número dez, refere-se à ida ao Algarve do estadista Conselheiro João Franco. Esta citação, em referência à data, alguns reparos trouxe à tala da imprensa. No quadro número onze, em nota à margem, esclareci o que se me ofereceu dizer. Porém, em carta posterior, 15 de Agosto de 1959, de Faro, o sr. José Bernardino Paulino, o bilheteiro do caminho de ferro a que me reporto nessa nota, diz-me: «Não consegui ver» o Distrito de Faro dos anos de 1902, a 1904. Mas puxando pela memória, a vinda de João Franco, a Faro, foi em 1902, porque nesse ano já eu era praticante a factor na estação na ocasião da partida do comboio correio, que nesse tempo era ao fim da tarde. E recordo-me que, no largo da estação, arremessaram algumas pedras à composição do comboio, e que por sinal ia sendo atingido o chefe da estação de nome Graça; e um pouco antes da partida do comboio ouviram-se duas detonações de tiros, sem consequências.

«A Casa que forneceu o almoço no Lethes foi a Fedari, de Lisboa, que trouxe um vagão com o equipamento preciso; nessa ocasião estive em Faro uma pequena força de cavalaria que estacionou no largo do Terreiro do Bispo e que apenas deu uma ou duas correrias ao povo aglomerado em frente da casa do sr. Dr. Virgílio Inglês, que morava na rua Lethes. O sr. Brigadeiro Eduardo Santos não se deve recordar do caso porque era muito novo; é provável que se reporte ao jornal Herald de Tavira, que nesse tempo era propriedade do pai do sr. José Ma-



Pela Cidade

Teatro António Pinheiro — Espectáculos da semana — Hoje, para maiores de 17 anos, *O amor que a mulher deseja*, com Bárbara Rutting e Paul Dahlke. Em complemento, *O último golpe*, com Jean Gabin e René Dary.

Quinta-feira, em espectáculo para maiores de 17 anos, *A máscara de Frankenstein*, com Peter Cushing e Hazel Court, em warnercolor. Em complemento, *Negócio de pijamas*, com Doris Day e John Raft, Sábado, para maiores de 6 anos, *A família Trapp na América*, com Ruth Leawerik em eastmancolor.

Farmácia de serviço — Está de serviço urgente, durante a presente semana, a Farmácia Franco.

ria Santos. O sr. D. Marcelino Franco, se acompanhou este movimento, foi talvez representando o sr. Bispo D. António Mendes Belo, que era franquista, tanto assim que no governo do sr. João Franco foi nomeado Cardeal. E é tudo o que me ocorre.

Quando ao meu caso, como filarmónico, à estação de Loulé ir tocar à passagem do sr. João Franco, direi que, em presença da carta do amigo sr. Paulino, era rectificando o que me disse anteriormente, eu li-mito-me a curvar ante este depoimento, e asseverar que o facto por mim citado, foi como eu o relatei, pois não sou culpado dos franquistas louletanos terem levado a sua filarmónica à estação, dizendo-se aos músicos que iam tocar à passagem do sr. João Franco.

Em presença destes depoimentos e a quase sessenta anos de distância, ocorre-me interrogar o meu espírito: a quem teria eu ido tocar à estação de Loulé o «Hino da Carta»? No Quadro vinte e quatro escrevi: «não está nos moldes deste «Quadros» desenvolver e aclarar o que tem sido a minha acção de dedicado louletano; reservo essa parte para o final».

É chegado agora esse final! «Que o Freitas não é capaz de ser é, um louletano sem ser músico, talvez mais músico que louletano...»

Parece inferir-se que eu só tenho sido louletano no campo musical. De facto muito tenho defendido a música de Loulé. Mas também é certo que muito me tenho batido por todos outros sectores.

«Variante do caminho de ferro», «Carnaval», etc, bastos são os documentos que atestam os meus serviços. Eis uma pequena amostra: ofício da Santa Casa da Misericórdia e Hospital, número 109, processo 52/A D, de 6 de Abril de 1952; Na missão de agente diplomático de Loulé junto de General Raul Esteves, Raul Pin-

Continua na 2.ª página

GAZETILHA

As culpadas são as gatas...

*Afinal fui informado,
De todas as zaragatas
Que ouvi sobre o meu telhado
E do meu sono quebrado,
As culpadas são as gatas...*

*As causadoras dos danos,
Com os seus salamaleques
E os seus miados tiranos
Desinquietam os bichanos
Fazem deles calhambeques...*

*Pois são elas, afinal,
Essas gatinhas matreiras
Que animam o arraiá
E o concerto musical
Que eu ouço as noites inteiras,*

*A quarta feira qassada,
Foi uma noite de truz!
Houve grande restolhada
E a preta foi preparada
Porque não havia luz...*

*Uma cidade às escuras
É uma coisa medonha;
Permite estas diabruras
E outras loucas aventuras,
Presta-se à pouca vergonha...*

*O que é preciso evitar,
Pra acalmar este pagode
Sem água pra se lavar,
Que não mais volte a faltar
A luz de Olhão ou do Bode...*

Zé da Rua

Por esse País fora

Continuação da 1.ª página

nosso lado as maiores probabilidades de vencer, sobretudo se o Ocidente acordou da letargia em que tem vivido e fez votos por que o Mundo não esqueça que só o amor verdadeiramente cristão gera o completo respeito por tudo que é humano. E desejou a todos as maiores felicidades mais por imperativo do coração que por dever do cargo.

Portugal recebeu recentemente a visita do Presidente eleito do Brasil que, segundo declarações de um seu amigo íntimo, se sente optimista e calmo sob todos os aspectos e absolutamente seguro de si próprio. Não resta dúvida, acrescentou esse amigo que é membro da Câmara dos Deputados, que o nosso Presidente corresponderá perfeitamente às esperanças de todos que lhe deram o seu voto. Jânio Quadros viveu uma vida discreta e popular durante a sua estadia no nosso País não fazendo declarações especiais à Imprensa.

Grémio da Lavoura de Tavira

Alimpadura de trigo Recebem-se propostas em carta fechada e lacrada, até ao dia 30 deste mês, para o fornecimento de 256 quilos.

Monda química Aceitam-se inscrições para a realização de mondas químicas através do Posto de Sanidade Vegetal de Tavira, integrado neste Grémio desde 1943.

Bonificação de gasóleo Estão a ser distribuídos os livretes de bonificação de gasóleo aos lavradores que em devido tempo manifestaram os seus motores. Os que, por qualquer circunstância, não fizeram ainda aquele manifesto, devem fazê-lo com toda a urgência para não ficarem privados daquela regalia.

Tavira, 10 de Janeiro de 1961

A Direcção

VENDE-SE

O prédio urbano, no sítio da Igreja, freguesia de Santo Estêvão, que foi de José do Carmo Oliveira e consta de cinco divisões e confronta do norte e poente com Maria Silvéria, do sul com Manuel Bernardo e do nascente com estrada, descrito na Conservatória sob o n.º 13894 e inscrito na matriz sob o artigo n.º 23.

Tratar directamente com o solicitador encartado Geraldo dos Santos Esteves — Loulé.

Uma página de critica

Continuação da 1.ª página

mórno vôo de luz, e vem brincar com todo o arcaísmo da casa da «Quinta Velha»; empoleira-se no arca, sobre a mesa, e só retira quando Millet, nas suas «Ave Marias», assinala o auto do fim do dia...

Joaninha é um símbolo da mulher portuguesa — seja rústica ou não com os seus sonhos de rapariga, os seus anseios de mulher, que vão ganhando forma e relevo no enxoval para o dia — esse mundo de coisas, que será o seu mundo.

Estando alegre, Joaninha chora; estando triste canta... As andorinhas partem e chegam, esvoaçando sobre a parceira que alpendra o terraço, e são elas que na vida de Joaninha marcam mais uma primavera — mais uma esperança, como íntima página do seu calendário — coração.

Joaninha é linda, bondosa, lusiada... Não se revolta se a neve dos caminhos — à semelhança dos postais recebidos de Itália — lhe engrinalda a fronte, sublinhando os anos, ou o luar — mordaz — lhe prateia os cabelos, tecendo-lhe de luz e sonho uma grinalda de tia...

Quando já não pode esperar — não tiver já o direito de esperar, como a tia Júlia e a tia Margarida, Joaninha viverá a sua sina, recolhida no claustro de si própria, e, em cada sol — pôr-la-de, orar religiosamente e conformar-se com o destino de Deus...

Talvez Joaninha espera — um príncipe, e crente no seu sonho, tudo faz por o merecer — por devoção. Foi madrinha dos criados, que «derriçavam» às escondidas e morriam de amores, e sentiu-se feliz dessa união — que tornou o Silvestre e a Angélica esposos — feliz da sua felicidade. Só ela não morre de amores por ninguém... Porquê? Orgulho e perconceito? Vários rapazes se lhe têm chegado, mas ela recusa-os. Qual será o amor de Joaninha, desses seus olhos tristes — doces como o hidromel?

Às vezes a Joaninha, da sua janela emoldurada de madresilva, fica longos momentos olhando os azuis da distância que vestem o perfil orográfico da serra da Arrábida, mas é no mar, ao fundo, nesse azul mais fénico, que o seu pensamento se fica, se esquece das horas, do mundo — de tudo! Talvez alguém que sulcou a estrada azul do mar, como uma caravela de aventura, e deverá voltar um dia. Talvez... mas ninguém sabe!

Quando morreu a velha tia Júlia, a pobrezinha, branca como um linho corado ao sol das tardes de Junho, levou nos olhos, muito abertos, uma interrogação, que só ela — a Joaninha — compreendeu. Hoje, a Joaninha resta a tia Mar-

Romanceiro geral do povo português

Deste segundo «tesouro da nossa Literatura» (o primeiro estão lebrados os leitores que foi «Contos Tradicionais Portugueses») editado por «Iniciativa Editoriais» com texto literário organizado, anotado e prefaciado por Alves Redol, musical escolhido, comentado e prefaciado por Lopes Graça e ilustrado por Maria Keil, estão publicados os fascículos n.ºs 4 e 5.

Neles terminam os romances das batalhas e dos saques, incluem-se os romances dos cativos e dos amores olvidados e inicia-se o Livro Terceiro ou Livro da Moirama de que fazem parte seis capítulos de curiosas e sentidas canções intituladas: Os Moiros fazem cativos, Os Moiros na derrota, Os Moiros sofrem cativos, As cristãs vão com os Moiros, As Moiras que encantam e As Moiras que se encantam.

A «Iniciativa Editoriais» (Avenida Rio de Janeiro, 6 cave) agradece a amabilidade da oferta de mais estes dois fascículos de «Romanceiro Geral do Povo Português» — 48 páginas com o formato de 17,5x25 impressas a duas cores e em duas colunas com vista a confortar o maior número de romances e músicas no texto e «extra-texto» e uma gravura em cobre «extra-texto».

garida Duas Joaninhas, portanto, moram ali, na doçura poética dum teatro de D. João da Câmara ou de Júlio Diniz. A tia e a sobrinha, ambas são um retrato recíproco, emoldurado a pinho saudável. O mais velho lembra a Joaninha o dia de amanhã; o mais recente, lembra a tia Margarida o dia de ontem...

Ambas as Joaninhas nesse recanto solarengo de mulheres portuguesas, vivem ditosas, contemplando-se na saudade e no futuro. Se a saudade é uma manha de sol, loira como um pomo de ouro; o futuro é uma noite de prata, pintada pelo luar de Janeiro, que anda lá fora, velho apaixonado de tia Margarida, de longos anos, em que ambos se conheceram ainda moços...

Finalmente reparo. Não falei da Lisete, do Frias, do Oliveira, dos Vilelas — das suas interpretações em «O Sapo e a Doninha», absorvido como estive em toda a poesia de Ramada Curto.

Mas creio que eles me perdoarão — até porque foram eles que me deram através das suas interpretações o somatório de impressões, colhidas de Ramada Curto.

É pena que o doutor — autor não possa voltar atrás — ao momento do «prémere» — porque eu aconselhar-lhe-ia a, em vez de «O Sapo e a Doninha», dar à peça o título, infinitamente justiciero, de «O Inferno dum Anjo»...

«Dois pés mal calçados podem escandalizar uma silhueta elegante»

(Christian Dior)

Com sapatos «MARSILVA» não correrá esse risco

Para calçar e ficar
Com calçado bem calçado,
MARSILVA pode mercar
Sem nunca ser igualado!

CASA MARSILVA

de MARIA LOPES

Rua Matias Sanchez, 24 e 26 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

RELÓGIOS

E prejuízo total a aquisição de relógio que não seja de marca garantida!

As marcas Omega, Zenith, Longines, Breitling, Tissot, Cortebert, Heuer, Serpines, Ampy, Regus, Eska, Viergeles, Camy, Zinal, Record, Doka, Lukel, Zoty, Hertig, Sully water, White Star, Watex, Sorel, Lincoln, Ampy, Cauny, Larex, Mila, Technos, Lancil, Tagus, Heloisa e Diana

Encontram-se à venda na

Ourivesaria Mansinho

TAVIRA

Esta casa toma inteira responsabilidade em qualquer relógio que venda das marcas acima referidas, garantindo que os seus preços não oferecem confronto com os de outra casa, em virtude das suas compras serem efectuadas em condições vantajosas